

O ENSINO DE GEOGRAFIA EM CLASSES DE EJA: UM DIAGNÓSTICO

Fernanda Borges Neto Benevides¹
Vânia Rúbia Farias Vlach²

O ensino de Geografia

A ciência geográfica tem avançado sensivelmente nas últimas décadas, por meio da teoria e prática de uma Geografia crítica, particularmente comprometida com as questões sócio-econômicas que se desenrolam no espaço geográfico.

Entretanto, apesar dos consideráveis avanços, a prática de ensino na Escola Fundamental e Média, tem deixado a desejar, reafirmando a necessidade de investimentos que visem melhorar a formação e qualificação dos profissionais da área de ensino, e, em nossa análise, mais especificamente os que ministram a Geografia.

Sabe-se que a Geografia ensinada nas escolas, muitas vezes, examina o relacionamento entre o homem e a natureza, sem se preocupar com a relação social entre os homens, mediação inevitável da dialética homem/natureza. Em outras palavras: o “aspecto humano” remete à população, mas nunca à sociedade; fala das técnicas e dos instrumentos de trabalho e não do processo social de produção; fala dos fenômenos humanos, mas nunca de relações de trabalho (RESENDE, 1986).

Esta forma de ensinar, “desligando” o homem social do espaço, não propicia ao alunado a oportunidade de pensar a Geografia em suas tarefas diárias, ficando seu pensamento restrito aos bancos da escola, sem nenhuma, ou quase nenhuma, aplicabilidade em sua vida real. Conforme constatamos na turma de Ensino de Jovens e Adultos – EJA, pesquisada na Escola Municipal Profa. Cecy Cardoso, no período de setembro a dezembro de 2003 em Uberlândia, MG, não ocorre, na sala de aula, uma relação entre a Geografia escolar e a Geografia real dos alunos.

Segundo RESENDE (1986), o problema é ideológico, pois os porta-vozes da Geografia optam por um método de pensar o espaço que despreza ou mesmo oculta o papel central e decisivo do trabalho social na construção de espaço geográfico. Reconhecer que a produção do espaço obedece a interesses e objetivos das classes dominantes, demonstrando e fazendo-os ver a dimensão política irrecusável do espaço geográfico e, em

¹ Geógrafa/UFU
fernandageo@fundap.ufu.br

² Profa. Dra. do Instituto de Geografia/UFU
vaniarubia@nanet.com.br

conseqüência, da ciência que o investiga, é papel do educador. O saber acumulado, pelos alunos, sobre o “espaço real”, fornece padrões de inteligência e valoração do espaço ignoto. Isso exige outras habilidades do professor de Geografia, de maneira que se faz necessária uma contínua capacitação desses profissionais; na verdade, dos professores de todos os conteúdos curriculares.

Cabe ao professor de Geografia relacionar o conhecimento prévio do aluno (acumulado ao longo dos anos) com os conteúdos escolares da Geografia, pois, quem sabe, dessa maneira, o papel dessa disciplina possa ser devidamente reconhecido, não somente por professores, pesquisadores e profissionais liberais, mas também pelos alunos, que a enxergam, na maioria das vezes, como uma ciência sem função, extirpando a idéia de que aprender Geografia é decorar nomes de países, capitais, rios, entre outros. O saber prévio deve ser visto como um saber que, se devidamente considerado, pode facilitar o acesso ao conhecimento científico da Geografia.

Para RESENDE (1986), o “*espaço real*” que, às vezes, manifesta-se via ideologia passivamente reproduzida, nem por isso deixa de ser “real”, já que o ideológico (ou inversamente, o contra-ideológico) constitui dimensão irrecusável do espaço vivido.

É preciso reconhecer a existência de um saber geográfico próprio do aluno trabalhador, um saber que esta autora denomina de *espaço real*, que está diretamente ligado com sua atitude intelectual, respondendo sempre ao seu caráter social, objetivo, de um todo integrado, presidido por um determinado modo de produção, em decorrência do qual o espaço é organizado desta e não daquela maneira. (RESENDE, 1986).

A integração do “*espaço real*” do aluno, com o espaço geográfico que queremos ensinar, é possível no dia-a-dia da escola (RESENDE, 1986 e CAVALCANTI, 1998), e também, segundo nossa pesquisa, nas classes de EJA.

Nossa pesquisa constatou que alguns professores desvinculam o homem do espaço e, logo, o aluno de seu cotidiano e experiências, diminuindo o interesse do aluno e colocando em risco esta ciência, tal como já citado por Resende (1986) e Cavalcanti (1998).

A prática da Geografia Tradicional fragmenta a totalidade social e compartimenta deliberadamente os “elementos” que compõem o espaço geográfico, prejudicando o ensino e a aprendizagem dessa ciência e, conseqüentemente a construção de um ensino geográfico que permita a compreensão das dinâmicas e complexas relações entre o homem e a natureza.

Sabe-se que o conhecimento geográfico é indispensável à formação de indivíduos engajados e participantes da vida social, uma vez que propicia o entendimento do espaço geográfico, como resultado das diversas práticas econômicas, sociais e culturais.

A construção e reconstrução do conhecimento geográfico pelo aluno ocorre na escola mas também fora dela... a ampliação desses conhecimentos, a ultrapassagem dos limites do senso comum, o confronto de diferentes tipos de conhecimentos, o desenvolvimento de capacidades operativas do pensamento abstrato são processos que podem ser potencializados com práticas intencionais de intervenção pedagógica. (CAVALCANTI, 1998, p. 12).

O ensino da Geografia deve propiciar ao aluno a compreensão de espaço geográfico na sua concretude, nas suas contradições, contribuindo para a formação de raciocínios e concepções mais articulados e aprofundados a respeito do espaço, pensando os fatos e acontecimentos mediante várias explicações (CAVALCANTI, 1998).

A participação, particularmente dos alunos EJA, no trabalho, no bairro em que moram, no lazer, nos espaços de prática política efetiva, inclusive na escola, devido às suas experiências de vida, é fundamental para que possam pensar sobre o seu espaço de forma mais abrangente e, ao mesmo tempo, aprofundada.

É função da Geografia, ao lado das outras disciplinas que fazem parte do currículo, desenvolver no aluno a capacidade de observar, analisar, interpretar e pensar criticamente a realidade, tendo em vista a sua transformação (FILHO & ALMEIDA, 1991). A partir de nossas leituras e da realização da presente pesquisa, entendemos que cabe à Geografia encabeçar este processo nas salas de aula, pois é a ciência que tem como foco de estudo o espaço geográfico, e pode conduzir o aluno à compreensão da produção capitalista do espaço, repleto de desigualdades sociais, econômicas e culturais.

Foi possível constatar ainda que, a ciência geográfica tem evoluído sensivelmente, no que se refere à abordagem teórico-metodológica de seu objeto de estudo. Entretanto, muitos professores permanecem com suas práticas pedagógicas presas aos conteúdos dos antigos planos e livros didáticos.

Esta situação nos parece até compreensível, uma vez que estes profissionais nem sempre têm acesso a uma formação continuada (elevada carga de trabalho, baixos salários, falta de apoio por parte do poder público, entre outros), o que muito contribui para a precarização da qualidade do ensino como um todo.

Segundo ALMEIDA (1990), na Geografia da maioria dos livros didáticos e que geralmente é ensinada nas escolas, os fenômenos aparecem como ocorrências parceladas, desvinculadas do todo, sem conexão com o processo social em que estão inseridos.

A natureza e a sociedade são vistas como ocupantes de um espaço herdado, cuja organização foi predeterminada, alheia à dinâmica da sociedade.

Insistindo-se nesta forma de ensinar a Geografia, poucas serão as probabilidades desta ciência contribuir para a formação consciente e crítica das novas gerações, podendo, ao contrário, levar a sérias deformações quanto à visão de mundo do alunado.

Ensinar Geografia significa dar conta do processo que levou à atual organização do espaço, conforme relato de alunos pesquisados por RESENDE (1986).

Neste sentido, professor e alunos devem trabalhar juntos, em cooperação, e o aluno deve aprender a observar, a coligir dados, a compará-los e classificá-los, a estabelecer generalizações e inferir explicações, para que possam caracterizar melhor a realidade e tornarem-se mais conscientes do espaço em que vivem (ALMEIDA, 1990).

Segundo PEREIRA *et al.* (1991), o objetivo da abordagem didática geográfica em cursos do Ensino Fundamental, deve ser o de familiarizar o aluno com os conceitos básicos e necessários a uma apreensão geográfica do espaço no qual está inserido, compondo um substrato teórico capaz de permitir, ao aluno do Ensino Fundamental, a compreensão básica do instrumental com o qual a Geografia trabalha.

Apreendendo estes conhecimentos, espera-se que o aluno concluinte deste período escolar esteja dotado de suficiente capacitação para manejar as noções de paisagem, espaço, natureza, Estado e sociedade, uma vez que nessas categorias se concentram as ferramentas básicas para compreender o mundo ou parte dele, como, por exemplo, o Brasil, uma cidade ou um bairro.

Neste sentido pode-se construir com os alunos uma concepção que enquadre melhor o papel da Geografia, ou seja, a ciência que busca estudar a sociedade por meio do espaço por ela produzido, o espaço geográfico, com suas mazelas e contradições.

Cabendo à Geografia o estudo da sociedade por meio do espaço por ela produzido, torna-se urgente à transformação dos métodos utilizados para ensiná-la. Este esforço deve ser conjunto, dos pesquisadores e autores que pensam a Geografia no seu contexto acadêmico-científico, dos professores que trabalham com os alunos dos ensinos fundamentais e médios, pois são eles que fazem Geografia cotidianamente.

A Geografia em classes de EJA

Essa pesquisa surgiu do interesse em conhecer como se desenvolve o processo de ensino e aprendizagem de Geografia em classes de Ensino de Jovens e Adultos (EJA), de ensino não regular do Ensino Fundamental, bem como identificar de que maneira o conteúdo geográfico está sendo trabalhado em classes tão heterogêneas, cujos alunos apresentam em comum o fato de possuírem mais de 15 anos e estarem ausentes dos bancos escolares há longo tempo.

O público pesquisado foi o dos alunos jovens e adultos do ensino não regular, “ensino compacto”, do período noturno de uma escola municipal de um bairro da cidade de Uberlândia, MG.

Foram realizadas observações durante as aulas de Geografia do 5º Módulo, correspondente à 5ª série do Ensino Fundamental, durante quatro meses, além da aplicação de questionários visando conhecer melhor a clientela que busca este serviço.

Com relação à Geografia, a grande maioria, 19 alunos, o que corresponde a 86% do total, disseram gostar de Geografia, contra três (14%) que não gostam, devido ao fato de ser muito complicada, de difícil compreensão e por não prender a atenção do aluno.

Os alunos que responderam gostar da matéria possuem as mais diversas justificativas, em concordância com a análise de RESENDE, realizada em 1986 com alunos jovens e adultos:

“Conhecer melhor mundo, suas riquezas e belezas sem sair do lugar”; “obter e conhecer informações importantes (aspectos físicos) sobre o mundo, bem como dos diferentes Estados e países, particularmente do Brasil”; “como forma de ter contato com a natureza”; “no auxílio da localização dos lugares”; “por gostar e possuir facilidade na apreensão dos conteúdos” ou simplesmente “porque é uma matéria gostosa de aprender”. (Depoimento de alunos EJA em 2003).

Diante das respostas, cabe-nos refletir, se esta é a Geografia que queremos ensinar. Há uma contribuição efetiva para a formação destas pessoas?

Certamente que não, afinal, critica-se a prática Geografia tradicional, positivista e descritiva, na qual não se faz a relação com o homem, ser social e transformador do espaço.

Se o inverso não ocorre nas escolas, não estamos, segundo a nossa visão, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, bem como de cidadãos cientes de seus direitos e deveres.

Não é função deste trabalho criticar os professores de Geografia que atuam na rede de ensino público, de EJA ou não. Entretanto, fica claro que temos problemas com relação à formação adequada dos profissionais de educação em Geografia e, por isso, reafirmamos a necessidade de implementação de políticas públicas que visem a qualidade do ensino em detrimento da quantidade de alunos por sala, para satisfazer apenas a metas impostas por órgãos internacionais.

Reafirmamos a necessidade de se investir maciçamente na formação continuada dos professores, por meio de políticas públicas dirigidas especificadamente para este fim, no âmbito da educação como um todo.

Acreditamos ser de primordial importância tais políticas, para que não se pratique uma Geografia sem conexão real com o mundo dos educandos que, ao longo do tempo, pouco ou nada, contribui para a vida dos alunos.

Por intermédio de ações que busquem a formação continuada dos professores, pode-se alcançar importantes avanços no que tange à qualidade de ensino e, conseqüentemente, do processo de aprendizagem.

Conforme depoimentos dos alunos, constata-se a Geografia, como disciplina formativa, não está conseguindo despertar nos indivíduos a noção de cidadania, que consiste na acessibilidade concreta ao direito a habitação, alimentação, saúde, educação, trabalho, segurança e bem-estar. Ou, cidadãos que se reconheçam como parte integrante do mundo em que vive, como indivíduos sociais capazes de construir suas histórias, a sociedade e o espaço que os permeiam.

Com relação às dificuldades em assimilar os conteúdos de Geografia, 13 alunos (59%) disseram ter dificuldades, enquanto nove alunos (41%) admitiram não ter dificuldades em relação aos conteúdos geográficos.

Tenho dificuldades em decorar e memorizar nomes. (Depoimento de aluno EJA em 2003).

Mesmo considerando que 41% dos alunos não possuem dificuldades de aprendizagem, vale ressaltar que tais números, muitas vezes, mascaram uma Geografia pouco relacionada com a prática diária destes alunos.

Estes alunos ainda se prendem à Geografia ensinada há anos, que tinha como ponto de partida a fragmentação do espaço geográfico, dos elementos e fatos que o compõem, em que as causas e conseqüências dos fenômenos, naturais ou sociais, eram tratados como algo pronto e acabado.

Perguntados sobre o porque de possuírem ou não dificuldades em assimilar os conteúdos de Geografia, disseram:

“Exige que se estude muito”; “por possuir muitos nomes e mapas”;
“por não conseguir transcrever para o papel os seus conhecimentos”;
“porque faz muito tempo que parou de estudar”; “possui dificuldades em memorizar nomes”; “porque a matéria é complicada” ou “porque

possui preferência por apenas alguns ramos da Geografia”.
(Depoimento de alunos EJA em 2003).

As dificuldades registradas pelos alunos são compreensíveis quando se analisa o longo período de ausência da escola, além das dificuldades de leitura, interpretação e redação.

Mas, relacionando-se diretamente com a Geografia, tais motivos nos deixam preocupados, pois os alunos não deveriam mais memorizar e decorar nomes, uma vez que este tipo de leitura é, há muito tempo, criticado por vários geógrafos (VLACH, 1990 e 1991).

Os alunos que não possuem dificuldades em assimilar os conteúdos geográficos, responderam que:

“Se houver dedicação aos estudos, não há como não assimilar a matéria”; “porque a matéria é gostosa”; “porque é uma matéria de contemplação” ou simplesmente “porque gostam da disciplina”.
(Depoimento de alunos EJA em 2003).

Assusta-nos que, ainda hoje, alunos admitam gostar de Geografia por ser uma “matéria de contemplação”, conforme Resende (1986) e Cavalcanti (1998) detectaram em suas pesquisas há alguns anos.

A respeito da forma como a Geografia é ensinada na escola, 21 alunos (95,5%) disseram gostar da maneira que é ensinada e apenas um aluno (4,5%) respondeu não gostar da forma que a Geografia é ensinada na escola.

Neste caso em específico, cabe, particularmente com alunos jovens e adultos, a introdução de propostas alternativas de ensino, capazes de desenvolver no aluno o raciocínio lógico, a criticidade, a instrumentalização para usar coerentemente o conhecimento, a capacidade de pensar e especialmente de poder construir o pensamento com autoria própria, conforme relatos de Callai (2001).

Com relação a gostarem da forma que a Geografia é ensinada, alguns alunos responderam:

“Por causa da professora, de suas explicações, da sua dedicação, criatividade e responsabilidade”; “por conseguirem acompanhar o desenvolvimento do conteúdo”; “porque aprendem diversos aspectos físicos e econômicos de diferentes lugares” ou “porque a aula é descontraída e alegre”. (Depoimento de alunos EJA em 2003).

Os depoimentos acima pouco relacionam o apreço à Geografia pelo seu conteúdo e oportunidade de oferecer uma visão completa e complexa do mundo, mas, sim, a outros motivos, como gostar da professora, entre outros.

Chamou-nos atenção uma aluna que, segundo ela, “não gostava de Geografia, mas que estava passando a gostar”. O único aluno que respondeu não gostar da forma que a Geografia é ensinada na escola disse que “é preciso mais conceitos, matéria mais geográfica”.

Questionados sobre a importância da Geografia, foi consenso entre todos os alunos que a disciplina é importante. Como explicação para a afirmativa unânime entre os alunos, a Geografia é importante:

“Porque estuda o espaço e seus acontecimentos”; “porque através dela conhece-se o mundo”; “porque tem noções de latitude e altitude”; “porque é necessária em quase todas as atividades”; “porque ensina a localizar os diversos lugares”; “porque aprende mais sobre o ambiente em que vivemos, o território”; “ensina como ver e lidar com os diversos acontecimentos e atualidades mundiais”; “porque conhece as dificuldades da população brasileira” ou “porque é importante saber sobre as regiões e viajar sem sair do lugar”. (Depoimento de alunos EJA em 2003).

Novamente, debatemo-nos com depoimentos que valorizam as questões mais superficiais da Geografia e não a sua capacidade de contribuir para uma visão mais aprofundada dos diversos acontecimentos nas suas diferentes esferas de abordagem.

Como forma de melhorar o ensino de Geografia na escola, alguns alunos sugeriram apresentação de vídeos e trabalhos científicos, adoção de apostila e de livro didático (de acordo com as suas necessidades), maior número de aulas, maior número de ilustrações, material didático de boa qualidade e em quantidade que atenda a todos os alunos e mais exercícios. Outros consideram que não é necessário mudar nada.

Realmente, as condições de trabalho, tanto para o aluno como para o professor, são demasiadamente precárias. Falta diversidade e qualidade de material didático atualizado e em quantidade para atender todos, tempo para realizar todas as tarefas e cumprir pelo menos o conteúdo de maior interesse para a classe, sem falar nas péssimas condições de trabalho dos professores, que conhecemos de longa data.

Com relação à utilidade da Geografia na vida prática dos alunos, foi respondido que é útil:

“Porque conhece sobre acontecimentos do espaço em geral”; “porque não têm condições de aprender viajando”; “para ensinar outras pessoas, como os filhos e netos”; “porque nos explica fatos do passado e possibilidades do futuro, além de atualidades”; “para orientação e localização de cidades”; “porque estuda o espaço geográfico”; “para orientar, prevenir e resolver problemas”; “porque sem a Geografia não se vai a lugar algum” ou “para conhecer sobre a economia de cada Estado”. (Depoimento de alunos EJA em 2003).

As respostas são muito parecidas com aquelas sobre a importância da Geografia, mostrando que não há uma forte diferenciação entre uma questão e outra, revelando que, para a vida prática destes alunos, a Geografia ainda não ocupa papel de relevância.

Questionados sobre o que vem primeiramente à cabeça quando ouvem a palavra Geografia, responderam:

“Penso nos planetas, no espaço e no mundo em geral”; “conhecer outros lugares, o mundo, o mar, a Amazônia e os Estados”; “arte, beleza, arquitetura, vastidão e grandeza”; “aspectos de determinado lugar”; “as paisagens naturais”; “um estudo para sabermos sobre como o país está no momento”; “localização”; “muito verde, paisagem e pássaros”; “mapas”; “prestar atenção às explicações do professor”; “estudo geral do planeta”; “estudo de tempo, região e Estados”; “obter muito conhecimento” e “oceanos, espaço, latitude, longitude, fusos-horários”. (Depoimento de alunos EJA em 2003).

Novamente, a Geografia da contemplação está presente nas respostas dos alunos, reforçando o ensino que recebem, ou seja, a Geografia Tradicional, fragmentada e sem conexão com os mais diversos elementos: sociais, econômicos, culturais etc.

Sobre o que é Geografia, os alunos responderam:

“A ciência que estuda o homem e suas relações com o espaço”; “o espaço geográfico que estuda o homem e o meio em que vive”; “é ter conhecimento do espaço geográfico”; “a arte que ensina a ver a beleza da geografia, dos planetas, mares e cidades”; “a apresentação esboçada de determinado lugar”; “é paisagem, natureza, história é tudo”; “um órgão que estuda o meio ambiente em que vivemos”; “matéria que serve para nos ajudar em nosso cotidiano e em nossa vida”; “a ciência que estuda o que está em nossa volta”; “o início para conhecer território e Estados”; “o ensino

que os seres humanos não podem deixar de ter”; “estudo que nos ensina ter mais aprendizado na vida”; “estudo sobre regiões e mapas”; “estudo de rios e região”; “é a ciência geográfica”; “ciência que estuda o homem e o seu espaço”; “estudo sobre o mundo que vivemos” e “a maneira de escrever o mundo através de mapas”. (Depoimento de alunos EJA em 2003).

Nesta questão em particular, podemos verificar que alguns alunos (poucos, é bem verdade), de uma forma ou de outra, conseguiram explicar que a Geografia é a ciência que estuda o homem e sua relação com o espaço, melhor ainda, citam o espaço geográfico, o que, para nós, é um grande avanço.

Acontece que mesmo estas pessoas que identificaram o que a ciência geográfica estuda, talvez não saibam exatamente o que isto significa, dado que, na avaliação escrita, este foi um dos temas estudados e poucos alunos conseguiram responder corretamente o que é Geografia.

As demais respostas coletadas não foram novidade para a pesquisadora, pois o convívio durante os quatro meses de observações nos permite dizer que a visão macro de estudo da disciplina não é dominada pelos alunos.

Questionados sobre para que serve a Geografia, relataram:

“Para saber as alterações do nosso planeta e de outros também”; “para conhecer um pouco dos países e principalmente do Brasil”; “para termos noções básicas de tempo e espaço ao redor”; “para mostrar a beleza geográfica das terras e construções, para medir distâncias planetárias”; “para qualquer atividade que queira estabelecer com êxito”; “para localizar países, estados, cidades, fazendas, bacias hidrográficas, rios e etc.”; “para estudar nosso espaço geográfico”; “para orientar os governantes de um país e para mostrar a situação em que o meio ambiente se encontra”; “para localizar e estudar regiões”; “para melhor informar onde vivemos”; “para melhorar nosso conhecimento”; “para a vida do ser humano e para entender mais o espaço geográfico”; “para aprender sobre os mapas”; “para o estudo original do espaço natural”; “para nos orientar o que fazer para termos um mundo melhor”; “serve como complemento para as outras matérias” e “conhecemos o mundo, para saber a nossa relação com a ciência, o espaço e muito mais”. (Depoimento de alunos EJA em 2003).

Os trechos abaixo são respostas dos alunos que, acreditamos, merecem destaque em nossa análise:

“Para termos noções básicas de tempo e espaço ao redor”, “para estudar nosso espaço geográfico”, “para orientar os governantes de um país e para mostrar a situação em que o meio ambiente se encontra”, “para a vida do ser humano e para entender mais o espaço geográfico”, “para nos orientar o que fazer para termos um mundo melhor”, “serve como complemento para as outras matérias”. (Depoimento de alunos EJA em 2003).

Tais ponderações remetem, mesmo que superficialmente, à Geografia Crítica, quando falam ter conhecimento para orientar os governantes em suas ações, de forma a melhorar o ambiente em que vivemos, um mundo melhor, mostrando que reconhecem que a Geografia tem a função de torná-los cidadãos conscientes e críticos.

A interdisciplinaridade, destacada em uma das respostas, demonstra que a relação entre as várias ciências faz-se necessária em todos os níveis de ensino, procurando enriquecer o currículo da escola e o poder de abstração dos alunos.

Esta inter-relação entre as ciências nos faz acreditar que as escolas devem refletir sobre uma forma de ensino que consiga contextualizar os diferentes conteúdos de uma forma macro, contribuindo sensivelmente para a melhoria do ensino como um todo.

A primeira avaliação realizada pelos alunos pesquisados, foi uma prova escrita composta de questões abertas e fechadas; os conceitos básicos da ciência geográfica foram os conteúdos examinados.

Tivemos a oportunidade de corrigir as avaliações e constatamos que os alunos não conseguiram aprender o conteúdo trabalhado em aula, uma vez que grande maioria obteve conceito abaixo da média, ou seja, menos de 50% de aproveitamento.

Muitas questões foram deixadas sem resposta ou incompletas, particularmente as questões abertas, mostrando uma real e explícita dificuldade em assimilar conteúdos que, da forma como são trabalhados, não estabelecem conexão com suas vidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tratando-se de um público diferenciado, heterogêneo, com variadas faixas etárias e histórias de vida, no mesmo ambiente escolar, acreditamos que o método educacional e a didática utilizada não são os mais adequados.

Esta afirmação vem ao encontro do que muitos autores, como o educador Paulo Freire, teorizam, uma vez que não se consideram as particularidades dos educandos, bem como suas experiências e conhecimentos adquiridos fora da escola, na busca de uma (re)construção do conhecimento, a partir de uma relação dialógica entre professor e aluno na sala de aula.

O conhecimento prévio do aluno, corretamente utilizado pelo educador, é uma eficaz ferramenta para que possamos realizar conexões entre o conteúdo trabalhado em sala de aula e a prática cotidiana de suas vidas, mostrando o papel dos conteúdos escolares no cotidiano.

Constatamos que os alunos têm dificuldade em relacionar o que está sendo ensinado e suas vidas, talvez porque o aluno não seja tratado como um ser histórico, que traz consigo e em si uma história, e um conhecimento adquirido por meio de sua própria luta pela sobrevivência.

Vale ressaltar que as experiências concretas devem ter interligação e coerência sobre o que é ensinado, pois se, no espaço, objeto de estudo da Geografia, não se insere o homem, a verdade geográfica do indivíduo se perde e a Geografia torna-se inútil a ele.

Por se tratar de jovens e adultos que não se dedicam somente aos estudos, é previsível que os alunos não sintam disposição física e mental para os estudos, ao contrário das crianças e adolescentes que cursam a 5ª série do ensino fundamental. Logo, torna-se necessária uma reflexão sobre formas alternativas de ensino, não só de Geografia, mas também para as demais matérias.

Afinal, são indivíduos que, após longos anos de ausência escolar, tentam reescrever sua história e sua geografia! Almejam conquistar a cidadania para se tornar ciente de seus direitos e deveres, preparam-se para compreender o mundo, o país, sua cidade, seu bairro, como resultado da produção que o homem realiza no espaço geográfico.

Como não temos aqui a pretensão de formular modelos ou receituários, enfatizamos a necessidade de metodologias alternativas de ensino para este público, sem jamais se desligar dos seus modos de vida.

Felizmente, já existem livros didáticos formulados especialmente para este público, o que nos deixa bastante satisfeitos e esperançosos na incessante busca pela melhoria do processo de ensino-aprendizagem em Geografia.

O espaço real, o *saber prévio* ou o *saber real* dos alunos merece um destaque maior no cotidiano escolar, uma vez que lhes facilita a compreensão do espaço geográfico contemporâneo, além de uma possível aproximação dialética entre teoria e a prática.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R.D. A propósito da questão teórico-metodológica sobre o ensino de Geografia. **Terra Livre**, n. 8, p. 83-90, 1991.
- BRASIL. Lei nº 9.324, de 20 de dezembro de 1996. **Câmara dos Deputados**, Brasília, p. 17, 2001.
- CALLAI, H.C. A Geografia e a escola: muda a Geografia? Muda o ensino? **Terra Livre**, n. 16, p. 133-152, 2001.
- CARMO-NETO, D. **Metodologia científica para principiantes**. 3. ed. Salvador: American World University, 1996. 560 p.
- CARDOSO, M.F.T. Características sócio-espaciais de uma clientela do ensino supletivo. **Revista Brasileira de Geografia**, v. 44, n. 1, p. 163-179, 1982.
- CARVALHO, A.C., BRÍGIDO, B.R. **A geografia que se ensina**. João Pessoa: AGB/UFPB, 2002. CD ROOM.
- CASÉRIO, V.M.R. **Educação de jovens e adultos: pontos e contrapontos**. Bauru: EDUSC, 2003. 113p.
- CAVALCANTI, L.S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus, 1998. 192 p.
- CENSO Escolar. Disponível em: < <http://www.inep.gov.br/download/censo/2003>>. Acesso em 15 dez. 2003.
- FILHO, F.D.A., ALMEIDA, R.D. A questão metodológica no ensino de Geografia: uma experiência. **Terra Livre**, n. 8, p. 91-100, 1991.
- FREIRE, P. **Conscientização – Teoria e prática da liberação**. 3. ed. São Paulo: Centauro, 2001. 102p.
- _____. **Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa**. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 165 p.
- _____. **Educação como prática da liberdade**. 26. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 158p.
- GENTILE, P. Educação de Jovens e Adultos. **Revista Nova Escola**, São Paulo, Ano XVIII, n. 167, nov, p. 35, 2003.
- GOHN, M.G. **Educação não-formal e cultura política**. 2. ed. São Paulo: Editora Cortez, 120 p. 2001.
- MAYO, P. **Gramsci, Freire e a educação de adultos: possibilidades para uma ação transformadora**. Porto Alegre: Artmed, 2004. 189p.
- PEREIRA, D., SANTOS, D., CARVALHO, M. A Geografia no 1º grau: algumas reflexões. **Terra Livre**, n. 8, p. 121-131, 1991.
- PICONEZ, S.C.B. **Educação escolar de jovens e adultos**. 2. ed. São Paulo: Papirus, 2003. 144p.
- PINTO, A.V. **Sete lições sobre a educação de adultos**. São Paulo: Cortez, 1982. 118 p.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA. **Projeto Ensino Compacto 5º ao 8º módulo**. Uberlândia: CEMEPE, 1999. 43 p.
- RESENDE, M. S. **A Geografia do aluno trabalhador**. São Paulo: Edições Loyola, 1986. 181 p.
- RIBEIRO, V.M. **Educação de jovens e adultos – novos leitores, novas leituras**. Campinas: Mercado de Letras, 2002. 224p.
- SALOMON, D.V. **Como fazer uma monografia**. 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 425p.
- SECRETARIA de Desenvolvimento Urbano. Disponível em: <www.uberlandia.mg.gov.br>. Acesso: 20 jan. 2004.
- VESENTINI, J.W., VLACH, V.R.F. **Educação de Jovens e Adultos – Geografia – Ensino Fundamental (3º Ciclo)**. São Paulo: Ática, 2003. 184p.
- _____. **Educação de Jovens e Adultos – Geografia – Ensino Fundamental (4º Ciclo)**. São Paulo: Ática, 2003. 208p.
- VESENTINI, J.W. **O ensino de Geografia no século XXI**. São Paulo: Papirus, 2004. 288p.
- VERONESE, M.A., VIEIRA, C.A., BRAGAGLIA, U. A política do ensino supletivo. **Educação**, abr/set., p. 13-15, 1982.

VLACH, V.R.F. **Geografia em debate**. Belo Horizonte: Lê, 1990. 104 p.

___ **Geografia em construção**. Belo Horizonte: Lê, 1990, 128 p.